

JOSEPH SHERIDAN LE FANU

CARMILLA
a vampira de Karnstein

Tradução
Lucas Montenegro



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
Carmilla

Revisão
Valquíria Della Pozza

Texto
Joseph Sheridan Le Fanu

Produção editorial
Ciranda Cultural

Tradução
Lucas Montenegro

Diagramação
Linea Editora

Preparação
Erika Alonso
Nair Hitomi Kayo

Imagens
Atelier Sommerland/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

F218c Fanu, Joseph Sheridan Le

Carmilla / Joseph Sheridan Le Fanu ; traduzido por Lucas Montenegro.
- Jandira, SP : Principis, 2021.
128 p. ; 15,5cm x 22,6cm. – (Clássicos da literatura mundial)

Tradução de: Carmilla
ISBN: 978-65-5552-510-6

1. Literatura irlandesa. 2. Ficção. 3. Terror. I. Montenegro, Lucas.
II. Título. III. Série.

2021-1706

CDD 828.9915

CDU 821.111(417)

Elaborado por Wagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura irlandesa 828.9915
2. Literatura irlandesa 821.111(417)

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

Prólogo.....	7
O primeiro assombro.....	9
Uma hóspede	16
Comparando impressões.....	27
Seus hábitos: um passeio	37
Uma surpreendente semelhança	52
Uma angústia bastante incomum.....	58
Descida	64
Busca	73
O doutor	78
Desolado.....	86
A história	91
Um pedido.....	98
O lenhador	105
O encontro	112
Julgamento e execução.....	119
Conclusão.....	124



Prólogo

Em um documento anexado à narrativa que se segue, o doutor Hesselius fez algumas anotações bastante pormenorizadas, que consistem em referências ao seu ensaio sobre o tão estranho tema explicitado no manuscrito.

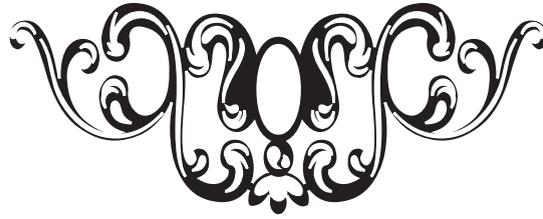
Nesse ensaio, ele aborda o misterioso assunto com erudição e perspicácia, além de ser admiravelmente direto e conciso, tanto que essas anotações constarão em um único volume da série que reunirá os escritos desse extraordinário cavalheiro.

Como meu objetivo na publicação do presente caso é apenas despertar o interesse dos “leigos”, não devo aqui antecipar nada sobre a instruída dama que o relata. E, depois das devidas ponderações, decidi, portanto, abster-me de fazer quaisquer julgamentos à lógica do culto doutor, ou de expor trechos dos seus escritos sobre um tema que, conforme suas palavras, “envolve, possivelmente, alguns dos

mais íntimos arcanos que habitam nossa dúbia existência e seus intermediários”.

Encontrei-me em estado de completa ansiedade ao descobrir os documentos do doutor Hesselius, pois quis dar continuidade às correspondências que ele trocou por muitos anos com a pessoa tão engenhosa e reservada que sua informante aparenta ter sido. No entanto, para meu desprazer, descobri que a referida dama havia morrido.

Contudo, creio que ela possivelmente não poderia ter acrescentado muito ao relato apresentado nas próximas páginas, narrado, se assim posso julgar, de maneira penetrantemente detalhada.



O primeiro assombro

Na Estíria, embora não estejamos nem perto de ser consideradas pessoas abastadas, moramos em um castelo, ou *schloss* em alemão. Uma renda modesta já está de bom tamanho para levar uma vida digna nesta parte do mundo. São notáveis as maravilhas que umas oitocentas ou novecentas libras anuais podem proporcionar neste lugar. Nossos recursos não nos permitiria uma posição entre as famílias mais ricas de nossa terra natal. Meu pai é inglês, e fui batizada com um nome inglês, embora eu nunca tenha visitado a Inglaterra. Mas aqui, nestas terras solitárias e remotas, onde tudo é tão barato, não consigo imaginar que serventia o dinheiro teria para nosso conforto, ou mesmo para nossos luxos.

Meu pai foi funcionário do governo austríaco e, após conquistar sua aposentadoria e viver confortavelmente de sua pensão e seus patrimônios, por uma barganha pôde comprar esta residência medieval e a pequena porção de terra que a circunda.

Nada pode ser mais exótico ou isolado. A moradia está situada em uma discreta elevação no meio de uma floresta. A estrada, muito velha e estreita, passa pela frente de sua ponte levadiça, jamais erguida em meus tempos, e o fosso do castelo é habitado por incontáveis peixes da raça perca e por cisnes, e nas suas águas velem minúsculas frotas de nenúfares brancos.

Acima dessa visão ergue-se o *schloss*, com sua fachada composta de inúmeras janelas, suas torres e sua capela gótica.

Diante do portão, a floresta abre-se em uma clareira peculiarmente irregular, e à direita do castelo uma íngreme ponte gótica faz a estrada saltar por cima de um riacho que segue serpenteando em direção às profundezas escuras dos bosques. Mencionei que este era um lugar solitário; julgue se o que digo é ou não verdade. Da entrada do saguão pode-se notar que a floresta que cerca nosso castelo se estende por 25 quilômetros a leste e cerca de vinte quilômetros a oeste. A vila habitada mais próxima situa-se a onze quilômetros, a oeste; o *schloss* mais próximo e dotado de alguma historicidade relevante, que é o do velho general Spielsdorf, está a cerca de trinta quilômetros a leste.

Escrevi “a vila *habitada* mais próxima” porque a apenas cinco quilômetros a oeste, ou seja, na direção do *schloss* do general Spielsdorf, repousa o que sobrou de uma vila onde resiste uma pequena e excêntrica igreja, agora sem telhado, em cujas naves laterais adormecem as tumbas da orgulhosa família Karnstein, uma linhagem já extinta e outrora proprietária de um castelo igualmente desolado, que, do interior da densa mata, ainda observa as ruínas silenciosas do vilarejo.

A desolação desse lugar tão espantoso e melancólico é atribuída a uma antiga lenda, que revelarei em outra hora.

Devo, no momento, falar sobre quão escasso é o número de habitantes do nosso castelo. E não levarei em consideração os serventes ou quaisquer subalternos que ocupam os edifícios adjacentes ao *schloss*; apenas ouça e admire-se! Éramos apenas meu pai, o homem mais bondoso da face da Terra, e que caminha a passos largos para a velhice, e eu, com apenas 19 anos na época em que se passa meu relato. Oito anos decorreram desde então.

Esses eram os integrantes da família no *schloss*. Minha mãe, uma dama estíria, faleceu durante minha infância, mas eu tinha uma gentil governanta que cuidava de mim desde meus tempos de criança. Não me recordo de nenhum momento de minha vida em que seu largo e amável rosto não estivesse presente.

Ela era a madame Perrodon, nativa de Berne, cujos carinho e zelo foram capazes de amenizar o luto pela minha mãe, de quem mal consigo me lembrar e que partiu quando eu ainda era tão jovem. Madame Perrodon era a terceira presença em nossa mesa de jantar. A quarta era a *mademoiselle* De Lafontaine, uma moça que você classificaria, creio eu, como uma “preceptora”. Ela falava francês e alemão, enquanto madame Perrodon falava, além do francês, um inglês bastante falho. Meu pai e eu nos empenhávamos em exercitar o inglês todos os dias, parte por impedir que ele se tornasse uma língua morta entre nós, parte por motivos patrióticos. O resultado disso era uma verdadeira torre de Babel, que era motivo de divertimento para quaisquer observadores desavisados, mas não tentarei reproduzir aqui tal confusão. Havia ainda duas ou três jovens amigas que nos visitavam eventualmente e permaneciam por tempos variados; e eu, por vezes, também as visitava.

Tais eram nossas ocasionais interações sociais. Mas, evidentemente, de tempos em tempos também recebíamos “vizinhos”,

que moravam a apenas vinte ou trinta quilômetros distante. Não obstante, asseguro que minha vida era indubitavelmente solitária.

Minhas governantas exerciam o controle sobre mim tanto quanto o faziam com uma garota mimada, cujo pai solitário e viúvo permitisse agir como bem entendesse.

O caso que narrarei aqui, cujo efeito sobre minha mente foi de tremendo horror (e que nunca caiu no esquecimento), foi uma das primeiras ocorrências da minha infância da qual sou capaz de recordar. Há quem acredite que o episódio seja banal demais para ser digno de um relato por escrito; você, contudo, entenderá por si só o motivo pelo qual escolho contá-lo.

No andar mais alto de nosso castelo há um espaçoso aposento coberto por um teto de carvalho inclinado que, apesar de eu ser a única criança ali, chamamos de quarto das crianças. Eu não tinha mais de 6 anos quando, uma noite ao acordar, olhei ao redor e não encontrei minha babá nem outra criada alguma. Acreditei estar completamente sozinha. Não fiquei com medo, pois eu era dessas crianças alegres cujos ouvidos são cuidadosamente mantidos longe do alcance de histórias de fantasma, contos de fada ou quaisquer tipos de crendices populares que nos fazem cobrir a cabeça com o cobertor quando algum móvel de madeira estala de repente na noite, ou quando as sombras a nossa volta dançam e se alongam com o bruxuleio de uma vela prestes a se apagar. Pelo contrário, fiquei enfurecida, senti-me insultada por estar sendo ignorada pelos meus responsáveis e comecei a choramingar, ganhando fôlego para soltar um vigoroso urro de raiva. De repente, para minha surpresa, percebi que ao lado da minha cama havia um rosto, de expressão grave, mas belo, me observando. Era o rosto de uma jovem moça, ajoelhada e com as mãos debaixo do cobertor. Cessando de

choramingar, retribuí seu olhar com uma espécie de espanto prazeroso. Ela me acarinhou com suas mãos e deitou-se ao meu lado na cama, puxando-me para perto de si e sorrindo. Uma afetuosa onda de sossego invadiu-me no mesmo momento, e logo estava adormecida novamente. Mas, pouco tempo depois, fui despertada por uma sensação semelhante a duas agulhas cravando-se fundo em meu peito, e soltei um grito estridente. A bela jovem recuou, os olhos fixos em mim, depois desceu para o chão e rastejou para debaixo da cama.

Essa foi a primeira ocasião em que fiquei assustada, e bradei em desespero com todas as minhas forças. A esse chamado atenderam a babá, a criada, a governanta... todas vieram me prestar socorro. Ao contar-lhes minha história, elas logo tentaram amenizá-la e começaram a me acalmar de todas as maneiras possíveis. Mas, como eu era uma criança observadora, notei em seus rostos pálidos expressões de apreensão involuntária, e elas começaram a vasculhar o quarto, olhando embaixo da cama e das mesas, abrindo armários... Até que ouvi a governanta sussurrar para a babá: “Coloque a mão naquela parte mais afundada do colchão; alguém deitou *mesmo* ali, estou certa disso. Da para sentir que o lugar ainda está morno”.

Lembro-me da criada me acariciando e de todas as três examinando o lugar no meu peito onde eu dizia ter sentido as pontadas. Elas alegaram que não havia nenhum dano visível.

A governanta e as outras duas criadas responsáveis pelo quarto de crianças permaneceram ali comigo durante o resto da noite, e a partir de então meu sono foi sempre supervisionado por uma servente, até eu completar 14 anos.

Depois do ocorrido, meus nervos ficaram em frangalhos por muito tempo. Um doutor foi contratado para cuidar da minha

condição, um homem idoso e pálido. Seu rosto carrancudo, levemente manchado pela varíola e encimado por sua peruca castanha, permanece vívido em minha memória. Durante um longo período, toda segunda-feira ele entrava no quarto para me dar remédios, os quais eu logicamente odiava.

Na manhã que se seguiu à aparição, meu estado ainda era de tamanho horror que eu não podia ser deixada sozinha, fosse de dia ou de noite.

Recordo-me de meu pai ter me visitado no quarto de crianças e permanecido ao lado da minha cama, falando de maneira animadora, fazendo algumas perguntas à babá e rindo calorosamente. Ele acariciava meu ombro, me beijava e me dizia para não ter medo, que tudo não passara de um sonho e, portanto, nada iria me machucar.

No entanto, eu não me sentia reconfortada, pois no fundo sabia que a visita da estranha mulher *não* se tratara de um sonho; e por isso eu me encontrava profundamente aterrorizada.

A criada tentou me consolar ao dizer-me que, na realidade, fora ela quem eu tinha visto naquela noite e que havia deitado na cama ao meu lado; eu apenas estivera sonolenta demais para reconhecê-la. Contudo, apesar de esse relato ter sido sustentado pela minha babá, não me satisfez nem um pouco.

Lembro-me da visita de um respeitável homem naquele dia; ele trajava longas vestes negras e, quando entrou no quarto de crianças acompanhado da babá e da governanta, falou gentilmente comigo. Seu semblante era sereno e amigável, e ele me avisou que iríamos dar início a uma oração; então ele juntou minhas mãos e disse-me que, durante sua prece, eu deveria repetir com calma as seguintes palavras: “Senhor, ouçais todas as preces que pedem por nosso bem, em nome de Jesus”. Creio que foram essas as palavras, pois